Pepe Brandão

GRAVES INTUITIVOS

ARISMAR DO ESPÍRITO SANTO

FÁBIO CARRILHO

ARISMAR DO ESPÍRITO SANTO

JÁ HOUVE UM TEMPO EM QUE GRANDES MÚSICOS brasileiros da arte do improviso e do acompanhamento se formavam não em conservatórios ou academias, mas na escola prática de tocar ao vivo, tendo que lidar, noite após noite, com questões musicais que eram resolvidas na base da intuição, percepção e raciocínio rápido e muita criatividade. O baixista e multi-instrumentista Arismar do Espírito Santo que o diga. Com 56 anos bem vividos, esta cria do Baiuca, local antológico da noite paulistana da década de 1970, lançou recentemente o CD ***Alegria nos Dedos*** (Maritaca), seu quarto trabalho solo. Na entrevista a seguir, Arismar relembra momentos de sua trajetória como baixista, cuja lista de colaborações vai de Dominguinhos a Baden Powell, passando por Hermeto Pascoal, Raul de Souza e muitos outros grandes artistas. O músico também fala da maneira como enxerga a música, dá dicas valiosas para baixistas e, claro, comenta sobre o processo criativo de suas composições e o seu mais novo trabalho.

Pepe Brandão

Como surgiu seu interesse pelo contrabaixo?

Comecei a tocar quando criança, pelo violão. Trabalhava em uma livraria e ficava ouvindo a Rádio Eldorado e tirando músicas. Mais tarde, virei baterista. Comecei a tocar profissionalmente no Baiuca, um lugar de jazz em São Paulo que ficava na praça Roosevelt. Eu morava em Santos e ia e voltava todos os dias. Aquilo lotava sempre. Era 1974, e as pessoas ficavam lá até as quatro da manhã. Eram dois trios de piano, baixo e bateria que se revezavam. Os baixistas eram o Carlinhos Monjardim e o Mathias Mattos. Eu tocava bateria e ficava a um palmo do baixo acústico. Como também tocava violão, tinha uma vaga ideia do que estava acontecendo. Escutava a harmonia que o baixo fazia ali, do meu lado, todos os dias. No ano seguinte, comecei a dar canjas de baixo na última música, às três da manhã. Tocava blues e comecei a pegar os encadeamentos harmônicos, os caminhos e as levadas e ritmos. Sempre fui um cara que pega uma coisa para estudar e fico nela até sair. O baixista Renato Loyola tinha três baixos e me emprestou um. Era um Benvenutti acústico, nacional. Levei para casa, arrumei um armário para guardá-lo e comecei a tirar nele todas as músicas que conhecia. Esse foi o maior estudo que tive de contrabaixo.

Começou no baixo acústico?

Sim. Não gostava muito do elétrico, que só depois peguei para estudar. Os harmônicos que o baixo acústico gera é algo muito louco! Em uma nota, você consegue dez sons! Você pode tocar em várias regiões – mais perto da ponte, próximo ao espelho, atacar com a lateral do dedo, fazendo ele roncar. Tem a mão esquerda também. Você pode tirar uma nota mais esticada, com mais médio, tocar com polpa do dedo... Para mim, as frequências graves são o que embalam a música. Isso está na mão do baixista, na mão esquerda do violonista ou pianista, no bom gosto do baterista. Minha maior frustração com o baixo elétrico é que você não "cria" nota, e isso não acontece no acústico. No elétrico, você tem os trastes, ou seja, não tem muito o que criar.

Você não chegou a estudar nada formalmente?

Não. Aprendi no violão mesmo, tirando músicas. Não estudei muito. Leio mal e decoro no ato. Dia desses, fui tocar e as partituras chegaram cheias de "cachorros" [cifras]. Decorei tudo e depois tirei as notas. Na hora de tocar, é fechar os olhos. Você tem de emocionar, é para isso que está lá.

O que acha das escolas e dos métodos?

É um começo, um trabalho bonito. Você pode hoje ser chamado para tocar com um artista e baixar toda a discografia dele pelo celular para estudar.

Qual é sua opinião sobre as novas gerações de baixistas brasileiros?

Tem muita gente tocando muito por aí. O perfil do baixista também mudou. Quando comecei, havia muita poesia. Você pegava um tema supercomplicado e tirava aquilo com doçura. Aquilo não era uma escola, não fazia parte de um currículo. Eu tirava o que gostava. Tocava jazz no Baiuca ou no Paddock, que era outro restaurante com música ao vivo em São Paulo. Era uma coisa maravilhosa da profissão. Foi a primeira vez que tive férias, assistência médica e odontológica, carteira de trabalho assinada! A primeira coisa que fiz nas minhas férias foi subir a serra para ver som! Vim ver o baterista Nenê tocar, o Zé Bicão [o baixista e pianista José Antônio Alves]... Eram músicos que não vieram de uma escola, mas que criaram uma escola. Tocavam de tudo, mas com estilo. Tinha um cara que ia no Baiuca que adorava os Beatles. Eles faziam, na hora, arranjos em cima dos temas dos Beatles. Virava uma coisa maravilhosa.

Você toca muitos instrumentos. Como é essa prática?

É no dia a dia. Quando sai alguma coisa, é um progresso maravilhoso – um gol, uma embaixada. Quando era garoto, ia assistir aos treinos do Santos. Aquilo era um ensaio. Pelé colocava a bola onde queria, mas, para chegar ali, teve de treinar muito, todos os dias. Na música também é assim.

Em seu show, você troca várias vezes de instrumento.

Tem de "calçar". Já aconteceu de "engessar", de você sair com a mão quente de um baixo acústico e depois pegar uma guitarra – tenho aqui uma antiga Ibanez GB que é linda, uma senhorinha, com um trato mais sutil. Também tenho um Fender Jazz Bass que é muito suave, quase um baixo acústico.

Atualmente, você tem tocado bastante violão de sete cordas.

Agora estou sem baixo acústico. Toco muito mentalmente – sei o tom das músicas, qual dedo usar, o lugar em que aquele som está no braço. De uns oito anos para cá, tenho estudado mais violão de sete cordas, que é o meu "baixo" hoje em dia. Considero-o um "baixo "portátil". Quem pega o violão de sete cordas não larga. E é impressionante o que tem de gente migrando do violão de seis cordas para o de sete! Há uma região entre os graves e os agudos desse instrumento que é muito interessante para criar contracantos e "assuntos".

Acha importante o baixista saber tocar violão?

Para caramba. Todo músico deveria saber tocar violão, porque é um "piano de peito". Uso um violão Oliveira & Pamplona, feito no Rio de Janeiro. Tirei a unha e o calo melhorou – tenho calo na mão direita. Toninho Horta tem calo na mão direita e tira aquele som doce. Este Oliveira & Pamplona é um ótimo violão e tem bastante volume.

INFO

MAIS ONLINE

› Veja Arismar em um solo de baixo acústico.
www.bassplayerbrasil.com.br

Para você, o que significa acompanhar?

Acompanhar é uma arte. Acho muito mais difícil você acompanhar do que solar, em qualquer instrumento. E o baixo é "o cara". Se você elimina o grave de uma música, você a anula, tira a sua profundidade. Uma vez fiz um show com a cantora Leny Andrade. Na banda eram eu, a Silvia Góes [pianista] e a Lilian Carmona [baterista]. Fomos para a Itália e lá estavam o Milt Jackson [vibrafonista] e o Paquito D'Rivera [saxofonista]. Nós três estávamos conversando e surgiu o papo do cara que canta e o grupo faz uma harmonia, e de que surgem outras harmonias quando o baixista ou pianista improvisam. Falei que aquela gig era da Leny e tínhamos de seguir a onda dela. Se fosse minha gig, talvez eu fizesse outras harmonias, mas, na hora da Leny, nós a colocamos na "cara do gol". Fazer música é isso, é tocar *para* a moçada.

Deve haver um respeito pelo som de quem te chama para tocar.

O convite já é uma coisa muito respeitosa. Nesse show de que falei, não houve ensaio. Nos encontramos no avião, paramos no Rio e fomos embora. Ensaiamos um dia antes, por uma horinha. Você tem de "timbrar". Em um show que fiz recentemente no Sesc, quando chegava o momento da minha filha, a cantora Bia Góes, entrar, a banda inteira segurava a mão. É assim que funciona. Não é força, é jeito. Você está ali sonorizando, fazendo uma trilha para a pessoa. Por trás disso, existe um bem-viver, um código. Se a pessoa faz uma coisa diferente, você segura a onda. Quando acalma, você faz outra coisa. É tudo muito rápido, em três segundos você muda o arranjo, mas isso tem de ser natural.

Você teve ídolos no contrabaixo?

Não. Mas a primeira vez que vi o Ray Brown tocar ao vivo, não queria mais colocar a mão em um contrabaixo! Tempos depois, ele foi no Paddock, tomou um conhaque e deu canja. Eu tinha outro Benvenutti, mais gordinho. Não usava amplificador, porque queria tirar som com o dedo para estudar. Eu não sabia o jeito que o Ray Brown tocava, mas intuía, porque não tinha vídeo na época. Quando ele foi tocar, virou outro baixo logo na primeira nota. Encheu o lugar de graves. Fiquei ali de lado, só "filmando". Eu ia ver o Sabá [baixista] tocar com o Dick Farney e com o Toninho Pinheiro [baterista]. Aprendi muito ali, toda noite. Nunca era igual, você ficava com a cabeça fervendo.

Costumava anotar as músicas?

Na minha melhor fase, tocava em três lugares e com três pianistas diferentes, cada um fazendo uma harmonia na mesma música. Eu fazia umas "cifrinhas" bem simples com pedaços das músicas, que era uma espécie de código para mim. Meu filho Thiago Espírito Santo já é diferente. Ele tira todas as músicas, sai do ensaio, escreve tudo e depois ainda manda as partes por e-mail para todo mundo. Ele tem uma organização incrível.

Naquela época, os pianistas gostavam de McCoy Tyner, Bill Evans, Herbie Hancock, Chick Corea. O que tinha de "papagaio" era impressionante [*risos*]! Tocavam *Na Baixa do Sapateiro* usando frases do McCoy! Então, se o cara era mais McCoy, eu fazia os baixos com aquele som mais "largão", porque o cara harmonizaria em quartas. Influências você sempre vai ter, mas não pode viver aquilo.

O que é ter um estilo próprio?

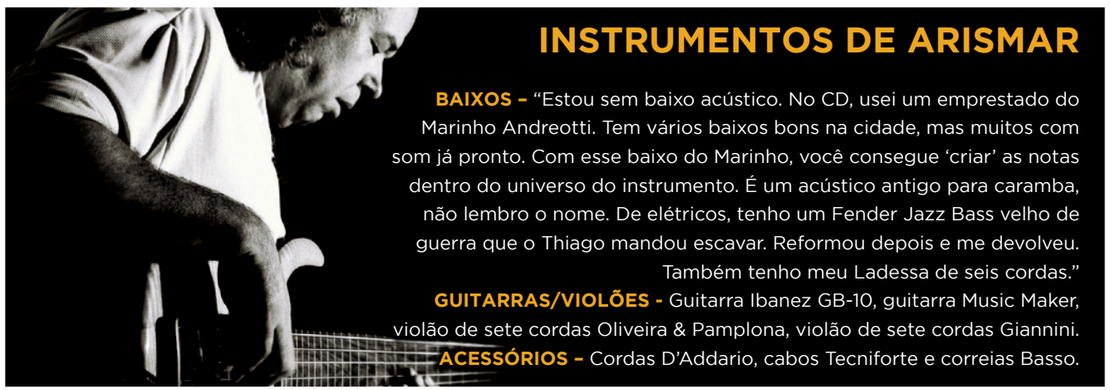
A primeira vez que toquei com o Hermeto Pascoal foi quando ele foi dar uma canja na Baiuca. Sentou e tocou para caramba. Ele não copia ninguém porque não tem vergonha de ter o seu próprio estilo. Outro dia, vieram me falar de tapping e slap. Um dos primeiros caras que usou slap não foi Marcus Miller, mas o Nelson Cavaquinho tocando violão [*risos*]! Muitas pessoas têm vergonha de assumir um estilo. Há muitos baixistas por aí com estilo e lançando músicas próprias. Falei do Thiago Espírito Santo, que lançou um disco lindo de baixo, mas tem também o Bruno Migotto, que fez um álbum sensacional. Também existem que escrevem arranjos para bandas. Tem caras do jazz alemão que você escuta e jura que é o Hermeto ou o Toninho Horta! Às vezes, a influência acaba sendo mais forte do que a música do próprio cara. É um "encosto". Precisa acender uma vela! Se ele tocar um mês com o Filó Machado ou o Hermeto, estará curado! A única coisa que a gente tem é a nossa digital. Isso ninguém vai tirar.

Acha que existem baixistas que te copiam?

Espero que não, mas uma vez vi um cara fazendo uma batucada parecida com a minha!

O que pensa a respeito de técnica?

A técnica tem de ser usada a favor da música. Tapping, três dedos, graves... Quando o Jaco Pastorius apareceu, os caras tocavam na ponte para copiá-lo. Mas ele tinha grave, não tocava na ponte como muitos afirmavam. Uma vez toquei com Baden Powell e ele fazia aqueles solos, mas tinha de sair do palco para tomar uns remédios. Mesmo assim, ele estava com a mão em dia. Hoje, sou mais malandro do que tenho a mão em dia.



INSTRUMENTOS DE ARISMAR

BAIXOS – "Estou sem baixo acústico. No CD, usei um emprestado do Marinho Andreotti. Tem vários baixos bons na cidade, mas muitos com som já pronto. Com esse baixo do Marinho, você consegue 'criar' as notas dentro do universo do instrumento. É um acústico antigo para caramba, não lembro o nome. De elétricos, tenho um Fender Jazz Bass velho de guerra que o Thiago mandou escavar. Reformou depois e me devolveu. Também tenho meu Ladessa de seis cordas."

GUITARRAS/VIOLÕES - Guitarra Ibanez GB-10, guitarra Music Maker, violão de sete cordas Oliveira & Pamplona, violão de sete cordas Giannini.

ACESSÓRIOS – Cordas D'Addario, cabos Tecniforte e correias Basso.

Pepe Brandão

Já ficou na expectativa de tocar com algum figurão?

Acho que com o Hermeto. Toquei no grupo dele junto com o Nenê [baterista]. Ele me deixava muito à vontade para tocar. Você só é músico quando está à vontade, senão vira um escravo das notas. É você quem cria a sua imagem. Atualmente, ninguém me chama se for para tocar com freio puxado, graças a Deus! As pessoas me chamam para tocar porque sabem do meu som.

Em termos de projeção, qual foi o trabalho mais marcante para a sua carreira?

Eu havia tocado no Free Jazz com Dominguinhos, em meados dos anos 1980. A Globo apresentou um programa do festival e mostrou um improviso meu com assobio, com cerca de dois minutos de duração. Isso foi em um domingo à noite. Bicho, no outro dia me ligou gente do Brasil inteiro. Foi impressionante!

Que dicas daria para os baixistas que estão tentando conquistar seu espaço no mercado?

Se você está sempre correndo atrás, vai acabar conseguindo mostrar seu trabalho. Ninguém vai bater na sua porta e dizer: "Você toca para caramba, venha tocar comigo". Contatos são importantes, mas fazer som é muito mais! Hoje, você pode fazer um disco com um iPad. Não existe mais aquela coisa "materna" da gravadora.

Como é o processo criativo de suas composições?

A música aparece na cabeça e depois coloco nos dedos. Às vezes, escrevo pequenos pedaços. Algumas ideias tomam forma; outras, deixo de lado. Não costumo gravar. Tudo isso acontece ao redor da vida. Hoje, eu acordei, saí com minha filha, depois sentei no piano, fiz um café, voltei para o piano e já surgiu outra harmonia. Se bobear, no fim do dia já estou com um tema pronto. Fico com a música na cabeça e depois passo para o Thiago ou o Vinícius Dorin [saxofonista] escreverem, porque eles têm mais facilidade. Não penso em registrar tudo com o objetivo de perpetuar minha obra. Quero fazer música e ser feliz.

Pepe Brandão

ALEGRIA NOS DEDOS – FAIXA A FAIXA, POR ARISMAR

Turmalina – "Tinha imaginado piano e sax. Piano de compositor, piano acompanhando... Adoro tocar assim. É uma valsa que depois vira um samba e, em seguida, fica meio um frevo em três. É uma 'pilha' de baterista. Se você deixar sua cabeça funcionar, você é um baterista, um violonista, um baixista... Tem de deixar fluir."

Sonhando Acordado – "Gravei tudo neste samba. Fiz a base de guitarra, depois coloquei um baixo acústico e gravei a bateria por último, já imaginando como seria o arranjo."

Mais Querida – "Gravei violão de sete cordas com a Léa Freire tocando flauta. Improvisei usando violão de 12 cordas. Gravei muitas coisas em duo, para poder ficar mais à vontade e mostrar mais o que estou tocando. Penso na mão direita do violão como sendo uma bateria – indicador como caixa, polegar como bumbo e anelar e mínimo como pratos."

Haikai – "É um xote menor que adorei fazer, pois fico armando levadas. Toquei tudo: baixo, guitarra, bateria e violão de sete. Registro sempre violão e guitarra primeiro, depois fico à vontade para gravar os outros instrumentos."

Debaixo do Cajueiro – "Duo que gravei com Dominguinhos. Tocamos muito à vontade."

Água da Serra – "É um tema de violão com uma levada meio maracatu. Depois, fica 'mineiro'. Toquei bateria com vassoura. A segunda parte é um samba. Uma delícia misturar os ritmos."

Marjoriana – "Salsa em que o Serginho Coelho quebrou tudo no trombone. Fiz lá na serra de Guaramiranga, dando aula. Faço muitas músicas assobiando e fazendo uma base. Algumas vezes, saio com a frase embaixo do dedo. Essa música tem um clima meio João Donato."

Alegria Nos Dedos – "É um choro. O Thiago fez a guitarra e eu gravei baixo, bateria e violão de sete cordas. No começo, é meio maracatu. Ficou mais bonito começar pelo final."

Valsa Curitibana – "Compus no festival de Curitiba, depois de uma aula. A Léa Freire foi a primeira pessoa a ver a valsa. Levou os alunos dela para ver a gente. Ficou bem bonito."

Gafifa – "Samba que começou já com cara de tema, tudo em bloco na guitarra. 'Gafifa' vem de 'gafieira'. Cabe improvisação. Toquei na Banda da Patroa, de gafieira. Para o músico, é um prêmio alguém tocar e te chamar para improvisar. É uma confiança que depositam em você e na sua música."

Samba Pra Ti – "'Pra ti' é uma expressão de Santos, minha cidade. Vira meio baião em alguns momentos."

Boa viagem – "Nesta faixa, toquei violão de sete e de 12 cordas. Estou com uma craviola Giannini muito boa, que tem braço de guitarra."

Vidão – "É um samba delicioso, cheio de harmonias para a galera se divertir. No final, tem um riff para relaxar. É um samba caseiro."

La Isla – "É meio bolero-canção. A 'Nossa Senhora das Cordas Soltas' é a protetora dos violonistas. Você coloca uma corda solta e muda o acorde completamente."

Santos x Corinthians – "Sou santista e o Thiago, corintiano. É um baião rápido. Fiz para ter uma cara de arpejo, mas é meio samba latino, uruguaio. Sou neto de uruguaio e tenho um pouco de candombe na veia."

Você gosta de mostrar suas músicas para sua família e seus amigos?

Acabo mostrando porque moramos todos juntos. Fico tocando e as pessoas acabam chegando para ouvir. Quando faço um tema legal, mostro para a Léa Freire [flautista], o Thiago, o Vinícius Dorin. Eles viajam na minha ideia!

Fica bastante tempo trabalhando uma música?

Quando está muito truncado, acabado deixando de lado. Não fico brigando muito pela música. Ela deve se apaixonar por mim do jeito que eu sou. A música é quem escolhe você, não o contrário.

Como foi a sua postura nas gravações de *Alegria nos Dedos*?

Quando vou gravar, já chego sabendo como vai ser a faixa. Nas que toquei sozinho, como *Sonhei Acordado*, registrei uma base de guitarra bem "largona". Depois saí para tomar um café, voltei e gravei o baixo. Toquei as inversões de acordo com o que iria fazer. O principal é estar envolvido. Reservei um mês e meio para fazer o disco. Não fiz mais nada. Juntei um dinheiro para ficar totalmente à disposição do álbum. Não fui tocar, não fui viajar, nada. Gravei no estúdio do pianista Bruno Cardozo, que é perto da minha casa. Minha preocupação era dormir bem, só receber notícias boas e cuidar de levar um bolinho de fubá [*risos*]! Saíram mais coisas boas do que coisas que tive de refazer.

Como gravou os baixos no CD?

Para o baixo acústico, usei dois amplificadores AER. Uso 10% do amplificador e 90% do microfone.

Acha solitário o processo de você gravar quase todos os instrumentos?

Considero a maior diversão. O estúdio do Bruno é ótimo, com um bom piano e técnico competente. Expliquei o que tinha em mente, que estava com as músicas já na cabeça. Se você

CONTINUA NA PÁG. 38

"O BAIXO É 'O CARA'. SE VOCÊ ELIMINAR O GRAVE DE UMA MÚSICA, VOCÊ A ANULA, TIRA A SUA PROFUNDIDADE."

Pepe Brandão

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 35

me perguntar em quem pensei para gravar os baixos, digo que foi no Sabá, no Mathias Mattos, no Azeitona, nesses caras das antigas.

O que acha de overdubs em gravações?

Nos anos 1990 e começo dos anos 2000, muita gente fez disco montado, pedacinho por pedacinho. Você vai ouvir e é uma colcha de retalhos em uma mesma música. Fica um horror, uns sambas horríveis. Samba é batucada! Toninho Pinheiro, Wilson das Neves, Ary Dias... Não vem com esse negócio de "papa-mama", "paradiddle", um saco! É que nem a moçada brasileira do baixo fazendo loop a cada oito tempos no jazz, entregando onde está a harmonia. Você ouve caras como Ray Brown, Ron Carter, Richard Davis e saca que o baixo faz outra função. Você deve pensar na música inteira. Essa fase da colcha de retalhos foi embora, graças a Deus. No meu disco, gravei primeiro os violões e as guitarras. Depois, os baixos. Em seguida, as baterias e os convidados. Não fiz nada de retalhos. Não fazia só uma faixa. Gravava guitarra de várias faixas, depois gravava baixo de outras várias músicas e assim por diante.

Como é a relação musical com os músicos que você convida para tocar em um disco seu?

Penso na moçada que está a fim de tocar. Thiago Espírito Santo, Cuca Teixeira, Cléber Almeida, Vinícius Dorin... O Thiago agora está com o Teatro Mágico. É um pop'n'roll bem tocado, mas ele está com agenda cheia. Tenho tocado bastante baixo e violão de sete. Vamos armar uma turnê com Vinicius Dorin e Serginho Coelho [trombone]. São músicos que tocam bem para caramba. Já tenho na cabeça como vão ser os temas. Todos os músicos tocam as 15 músicas do CD. Eu converso com eles, mas não preciso pedir muito, não! Tenho uma confiança nos caras e não preciso explicar demais. Tem gente que diz que parece "panela", mas não é. São pessoas com quem você tem afinidade. Eles tocam tudo, então o show já está pronto. Você não vai chamar para o seu trabalho alguém com quem nunca tocou ou não tem afinidade, alguém que não entende seu som, não é mesmo?

Como é atuar como artista solo?

Ter trabalho solo absorve muito tempo. Quando apareci como baixista, gravei com um monte de gente, mas não sobra muito tempo. Nada foi planejado na minha vida, as coisas foram acontecendo – filhos, música, instrumentos que vão caindo na sua mão. O instrumento te escolhe. Essa semana fiquei 30 horas com violão na mão.

Como é viver de jazz e música instrumental no Brasil?

O "fazer música" envolve ganhar dinheiro, afinal, você vive disso. Uma vez por ano, dou um "tapa" nos instrumentos. Vai uma grana nisso. Entra no orçamento dar uma arrumada nos amps, assim como o IPVA! Mas recall maior é na cabeça. Músico deve acreditar que aquilo que faz é muito bonito. Ego deve ficar de lado – sabe, na hora de improvisar, tem cara que não quer fazer primeiro, porque acha que improvisar por último é mais importante. Nada a ver. E é preciso estudar, sempre. Meia hora de estudo vale muito. Não vou subir ao palco para mostrar algo mais ou menos. O público não merece. Pagar 30 para algo meia-boca? Tem de ter respeito.

Em sua opinião, o que falta melhorar para o músico no lado profissional?

Falta lugar para tocar. Isso sanaria vários pormenores. Não vejo mais casas em São Paulo onde você sai para jantar e vê um cara tocando e improvisando em um baixo acústico gostoso. Há apenas o Mancini, com aquele volume baixinho. Tem uma garotada tocando muito. Um dia, perguntei a um jovem baixista de lá quantas músicas ele já tocava. Ele disse que tocava umas 800! Não tem escola onde você aprenda isso – aumentar o repertório, lidar com outras harmonias, tocar com outras pessoas e ainda receber por isso.

Para finalizar, o que representa a música para você?

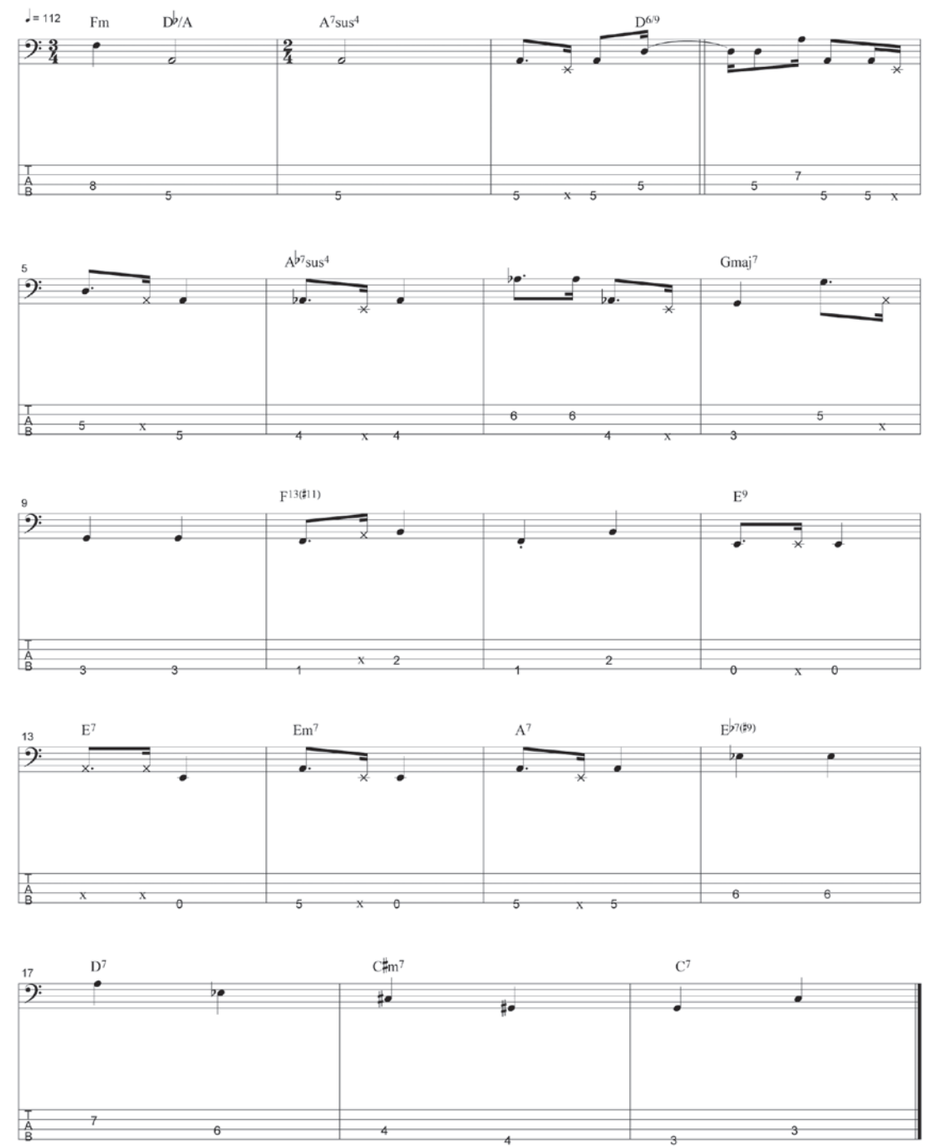
A música consegue atingir lugares inimagináveis da nossa cabeça. É algo muito sério, pois alcança locais que outras manifestações artísticas não atingem. Ela é sempre do bem. **BP**

LIÇÃO – OS BAIXOS DESAFIADORES DE ARISMAR

Selecionamos quatro linhas do álbum **Alegria nos Dedos**.
por Fernando Tavares

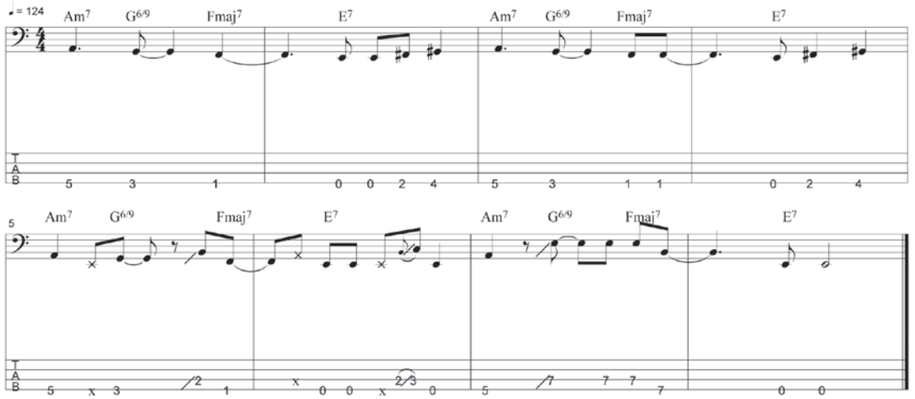
Ex. 1: *Sonhando Acordado* - Parte A

Esta música baseia-se na célula rítmica mais utilizada na música brasileira: colcheia pontuada seguida de semicolcheia. Neste exemplo, Arismar aplica a fundamental e a quinta de cada acorde para criar as variações melódicas. Nos compassos 10 e 11, ele explora a quarta aumentada. O músico também emprega abafados na construção da frase.



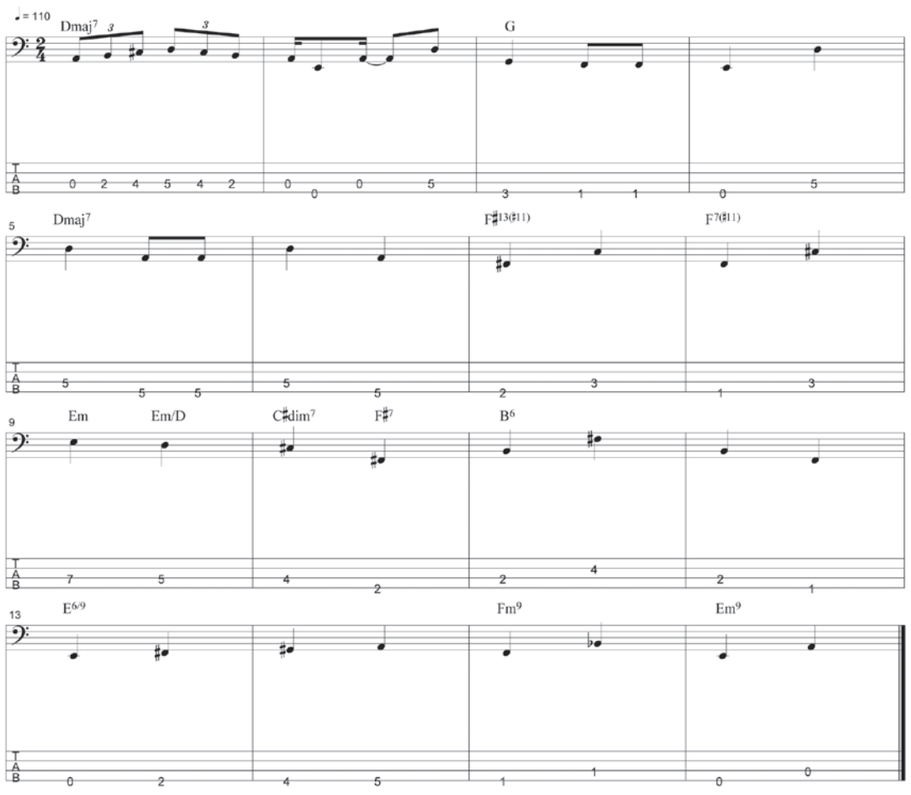
Ex. 2: *Marjoriana* - Intro

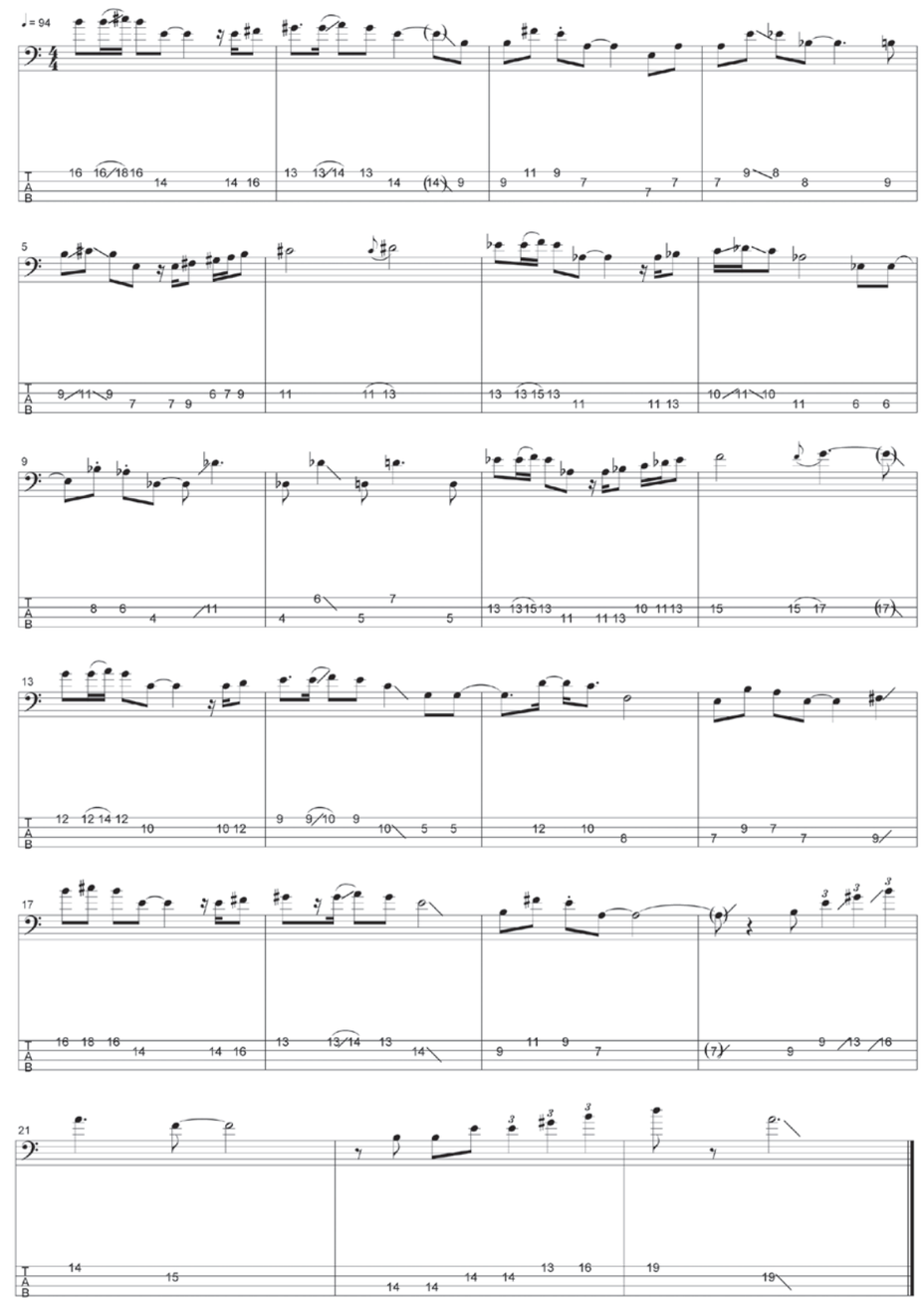
Aqui, Arismar utiliza as fundamentais de cada acorde. Sobre o acorde de *E7(b9)*, ele aplica a segunda e terça da escala em uma passagem que retorna à nota *A*. Nos últimos compassos, o baixista cria variações sobre os acordes. Preste atenção no uso de abafados e slides.



Ex. 3: *Gafifa* - 3:46

Esta linha começa com uma convenção de tercinas de colcheia sobre a escala de *D* maior. A levada é feita sobre a célula rítmica de semínima. Na maior parte dos compassos, é utilizada a fundamental de cada acorde e algumas variações melódicas com as quintas de cada acorde. As exceções são os acordes de *G*, no qual Arismar explora a fundamental, sétima menor, sexta e quinta, e de *F#13(#11)*, em que ele insere a quarta aumentada.



Ex. 4: *La Isla* - 0:22

Este exemplo corresponde ao solo de fretless. O baixista explora a escala de *E* maior entre os compassos 1 e 6 e a partir do compasso 17. Entre os compassos 7 e 12, Arismar emprega a escala de *Ab* maior. Do compasso 13 ao 16, ele baseia-se na escala de *C* maior.